OVÍDIO E A CULTURA LETRADA PORTUGUESA SETECENTISTA

Evellen Caires Ribeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-3461-9318
Endereço eletrônico: revellen93@gmail.com

Halysson F. Dias Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2698-5034
Endereço eletrônico: halysson.acadêmico@gmail.com

Palavras-chave: cultura letrada; Ovídio; preceptiva poética; Portugal; século XVIII.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa sobre a recepção de autoridades latinas na preceptiva poética portuguesa do século XVIII. Tendo como foco o estudo da recepção da poesia do poeta romano Ovídio – Publius Ovidius Naso (43 a.C-17/18 d.C.) – na preceptiva poética portuguesa do século XVIII, trata do valor que o poeta latino recebeu na cultura letrada lusa setecentista, para, a partir desse olhar mais panorâmico, descrever e discutir as apropriações de sua poesia na preceituação poética do período. O estudo será desenvolvido em diálogo com os trabalhos de Bobes et al. (1998), Castro (2008), Oliva (2007), Rebelo (1982), entre outros autores que tratem da recepção do poeta latino em Portugal entre os séculos XVI e XVIII.

METODOLOGIA

No presente trabalho apresentamos uma abordagem introdutória a respeito da circulação dos modelos poéticos de Ovídio na cultura letrada lusa do século XVIII e de sua recepção na preceptiva poética portuguesa setecentista. Nesse sentido, são discutidas referências ao poeta latino encontradas em duas obras de grande relevância no período, no

caso, o *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), de Luís Antônio Verney e a *Arte Poética ou Regras da Verdadeira Poesia em Geral e de Todas as Suas Espécies Principais* (1759), mediante a leitura de cópias fac-símile de edições do século XVIII, obtidas por meio de pesquisas em bibliotecas digitais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a Idade Média, Ovídio, como vários outros poetas antigos – Homero, Virgílio, Horácio, Lucano –, se tornou um modelo poético. Paralelamente, na história de sua recepção, o autor romano foi apontado como poeta cuja poesia, ao menos em parte, deveria ser censurada por seus vícios poéticos e/ou morais. Ovídio foi poeta muito presente em vários centros letrados europeus entre os séculos XV e XVIII. É notória a importância de sua poesia em Portugal durante o século XVIII. Ovídio foi um dos poetas antigos mais influentes na cultura letrada portuguesa setecentista, sendo um dos poetas romanos mais apreciados. Seu nome foi continuamente lembrado e sua poesia exaltada, mas foram igualmente alvo de censuras em Portugal durante o século XVIII (Bobes et al., 1998; Brandão, 2001; Brown, 2013; Castro, 2008; Leite, 2016; Oliva, 2007; Rebelo, 1982).

Os modelos depreendidos de sua poesia foram decisivos na produção poética e em discursos normativos sobre a arte poética no que diz respeito a diferentes gêneros poéticos. A poesia de Ovídio foi emulada por muitos poetas portugueses do século XVIII. Em muita poesia portuguesa e luso-brasileira setecentista o modelo ovidiano se mostra evidente. Sua matriz elegíaca foi retomada em muitas composições poéticas do período (Brandão, 2001; Rebelo, 1982). Sua obra serviu de modelo poético e fonte mitológica para muitos poetas. Na verdade, como destaca Rebelo (1982), modelos ovidianos já eras imitados em Portugal antes do século XVIII. Ovídio foi lido, estudado, imitado e citado como modelo poético, entre os séculos XVI e XVIII, ao lado de outros poetas e oradores latinos por eminentes letrados portugueses (Castro, 2008), a exemplo de Cipriano Soares e Leitão Ferreira. A respeito deste último afirma Castro (2008, p. 183), "[...] seu conhecimento dos Latinos é mais vasto e mais directo. Entre os poetas, os mais citados são Horácio e Virgílio. Mas aproveita também Lucrécio, Ovídio, Lucano, Estácio, Juvenal, Ausónio e Claudiano".

Esse apreço pela poesia de Ovídio se evidencia, ainda, pelo interesse em traduzi-la

para o português. As *Metamorfoses* de Ovídio foram parcialmente vertidas para o vernáculo pelo poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage (Gonçalves, 2023; Oliva, 2007; Rebelo, 1982). Cândido Lusitano também empreendeu traduções da poesia do poeta romano, que permaneceram, porém, manuscritas. Ainda que não sejam muitas as traduções setecentistas das *Metamorfoses*, esses exemplos demonstram que o poema foi relevante para letrados portugueses do século XVIII.

No *Verdadeiro Método de Estudar*, Verney recomenda a leitura da poesia de Ovídio, notadamente das *Metamorfoses* e de seus *Fastos*, enfatizando justamente a importância do autor latino para o conhecimento de mitologia (Verney, 1746, p. 103). Ovídio é indicado por Verney como um dos melhores poetas latinos que deveriam ser traduzidos pelos estudantes, juntamente com outros poetas latinos, Lucrecio, Virgílio, Horácio e Catulo (Verney, 1746, p. 77, 85). O valor atribuído a Ovídio não o impede de apontar imperfeições em sua poesia. Segundo Verney (1746, p. 222), o poeta latino teria caído "em muitos defeitos".

Francisco José Freire, por sua vez, em sua *Arte Poética*, reconhece os méritos da poesia de Ovídio. No seu entender, Ovídio é poeta de merecida fama, admirável em muitos aspectos de sua poesia, erudito e agradável, além de bastante influente. Além disso, para o preceptista português, seria um poeta com grande habilidade na metrificação de suas obras poéticas. Contudo, Ovídio também é caracterizado como um poeta que não dava o devido acabamento a suas composições e que tendia à dispersão. Cândido Lusitano ainda se refere à obscenidade da poesia de Ovídio (Freire, 1759). Assim, em sua *Arte Poética*, Freire reconhece o valor de Ovídio como poeta e ressalta as qualidades de sua poesia, sem deixar de apontar o que considerava serem os vícios, poéticos e morais, de suas composições poéticas.

Em relação à avaliação que os dois letrados portugueses fizeram da poesia de Ovídio, segundo Oliva (2007, p. 19-20),

> Importa concluir aqui que, uma vez que as *Metamorfoses* de Ovídio, por razões didáticas, como em Verney, ou poéticas, como em Freire, foram prescritas como paradigma, respectivamente, de leitura ou de imitação, dispunham-se elas às três instâncias – tradução, reelaboração, imitação – para ser trazidas às letras portuguesas.

Desse modo, embora tenha sido criticado por letrados portugueses do século XVIII por alguns aspectos de sua poesia – e quanto a essas censuras pode-se destacar as de Luís Antônio Verney, em seu *Verdadeiro Método de* Estudar (1746) e de Francisco José Freire, na

Arte Poética (1759) –, Ovídio se manteve como modelo poético recomendado (Castro, 2008; Oliva, 2007; Rebelo, 1982).

CONCLUSÕES

Como se pode observar, a autoridade poética de Ovídio exerceu uma significativa influência na cultura letrada portuguesa setecentista, nos discursos preceptivos e na produção de poesia. Dessa forma, o estudo da recepção do poeta romano torna-se relevante para compreender as formas pelas quais sua obra foi apropriada, imitada e citada pelos letrados no século XVIII. A circulação de seus modelos poéticos na cultura letrada portuguesa do período demonstra o quanto os letrados portugueses valorizavam suas obras poéticas, entre elas as *Metamorfoses*.

Os juízos críticos de Verney e Cândido Lusitano a respeito do poeta latino servem para exemplificar a avaliação que Ovídio e suas *Metamorfoses* receberam na cultura letrada setecentista. Apesar da censura ao que se julgava licencioso ou defeituoso em sua poesia, Ovídio foi um poeta muito valorizado na cultura letrada lusa do século XVIII e tratado como autoridade nas preceptivas poéticas portuguesas setecentista.

REFERÊNCIAS

BOBES, Carmen et al. **Historia de la teoría literaria II**: Transmissores, Edad Media, Poéticas Classicistas. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **Poética e Poesia no Brasil (Colônia)**. São Paulo, Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

BROWN, Sarah Annes. Ovid. In: GRAFTON, Anthony; MOST, Glenn W.; SETTIS, Salvatore (Ed.). **The Classical Tradition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013. p. 667-673.

CASTRO, Aníbal Pinto de. **Retórica e teorização literária em Portugal**: do humanismo ao neoclassicismo. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

FREIRE, Francisco José. **Arte Poética ou Regras da verdadeira poesia em geral, e de todas as suas espécies principais, tratadas com juízo crítico**. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1759. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Arte_Poetica_Ou_Regras_Da_Verdadeira_Poe/m1JKAAAAcAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=francisco+jos%C3%A9+freire+arte+po%C3%A9tica&printsec=frontcover.

Acesso em 13/06/2026.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Introdução. In: OVÍDIO. **Metamorfoses**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023. p. 7-30.

LEITE, Leni Ribeiro. **Épica II: Ovídio, Lucano e Estácio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

OLIVA, João Ângelo. Introdução. In: OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Manuel Maria Barbosa du Bocage. São Paulo: Hedra, 2007. p. 9-33.

REBELO, Luís de Sousa. **A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

VERNEY, Luis António. **Verdadeiro Método de Estudar, para ser útil à república e à igreja**. Tomo Primeiro. Valensa: Oficina de Antônio Balle, 1746. Disponível em: https://www.google.com/books/edition/_/2ZAWuXKwBRwC?authuser=1&gbpv=1. Acesso em 13/06/2026.